

## Semana 87 - Uma História de Amor no Exílio / A Mensagem do Profeta Malaquias

Texto: Ester 1 a 10 e Malaquias 1 a 4

Estação 44

### Ester 1

Versículos 1-22

**1**Foi no tempo de Xerxes, que reinou sobre cento e vinte e sete províncias, desde a Índia até a Etiópia.

**2**Naquela época o rei Xerxes reinava em seu trono na cidadela de Susã

**3**e, no terceiro ano do seu reinado, deu um banquete a todos os seus nobres e oficiais. Estavam presentes os líderes militares da Pérsia e da Média, os príncipes e os nobres das províncias.

**4**Durante cento e oitenta dias ele mostrou a enorme riqueza de seu reino e o esplendor e a glória de sua majestade.

**5**Terminados esses dias, o rei deu um banquete no jardim interno do palácio, de sete dias, para todo o povo que estava na cidadela de Susã, do mais rico ao mais pobre.

**6**O jardim possuía forrações em branco e azul, presas com cordas de linho branco e tecido roxo, ligadas por anéis de prata a colunas de mármore. Tinha assentos de ouro e de prata num piso de mosaicos de pórfiro, mármore, madrepérola e outras pedras preciosas.

**7**Pela generosidade do rei, o vinho real era servido em grande quantidade, em diferentes taças de ouro.

**8**Por ordem real, cada convidado tinha permissão de beber o quanto desejasse, pois o rei tinha dado instruções a todos os mordomos do palácio que os servissem à vontade.

**9**Enquanto isso, a rainha Vasti também oferecia um banquete às mulheres, no palácio do rei Xerxes.

**10**No sétimo dia, quando o rei Xerxes já estava alegre por causa do vinho, ordenou aos sete oficiais que o serviam - Meumã, Bizta, Harbona, Bigtá, Abagta, Zetar e Carcas -

**11**que trouxessem à sua presença a rainha Vasti, usando a coroa real. Ele queria mostrar aos seus súditos e aos nobres a beleza dela, pois era de fato muito bonita.

**12**Quando, porém, os oficiais transmitiram a ordem do rei à rainha Vasti, esta se recusou a ir, e o rei ficou furioso e indignado.

**13**Como era costume o rei consultar especialistas em questões de direito e justiça, ele mandou chamar os sábios que entendiam das leis

**14**e que eram muito amigos do rei: Carsena, Setar, Adamata, Társis, Meres, Marsena e Memucã; eles eram os sete nobres da Pérsia e da Média que tinham acesso direto ao rei e eram os mais importantes do reino.

**15**O rei lhes perguntou: "De acordo com a lei, o que se deve fazer à rainha Vasti? Ela não obedeceu à ordem do rei Xerxes transmitida pelos oficiais".

**16**Então Memucã respondeu na presença do rei e dos nobres: "A rainha Vasti não ofendeu somente o rei, mas também todos os nobres e os povos de todas as províncias do rei Xerxes,

**17**pois a conduta da rainha se tornará conhecida por todas as mulheres, e assim também elas desprezarão seus maridos e dirão: 'O rei Xerxes ordenou que a rainha Vasti fosse à sua presença, mas ela não foi'.

**18**Hoje mesmo as mulheres persas e medas da nobreza que ficarem sabendo do comportamento da rainha agirão da mesma maneira com todos os nobres do rei. Isso provocará desrespeito e discórdia sem fim.

**19**"Por isso, se for do agrado do rei, que ele emita um decreto real e que seja incluído na lei irrevogável da Pérsia e da Média, determinando que Vasti nunca mais compareça na presença do rei Xerxes. Também dê o rei a sua posição de rainha a outra que seja melhor do que ela.

**20**Assim, quando o decreto real for proclamado em todo o seu imenso domínio, todas as mulheres respeitarão seus maridos, do mais rico ao mais pobre".

**21**O rei e seus nobres aceitaram de bom grado o conselho, de modo que o rei pôs em prática a proposta de Memucã.

**22**Para isso, enviou cartas a todas as partes do reino, a cada província e a cada povo, em sua própria escrita e em sua própria língua, proclamando que todo homem deveria mandar em sua própria casa.

Com a queda de Babilônia e o fim do cativeiro decretado por Ciro, rei dos medos e persas, a maioria dos judeus nascidos no exílio e já ambientados à cultura local, optaram por não voltar para Israel. Dentre estes, estão os personagens sobre os quais versa o livro de Ester.

Trata-se de uma obra de autoria desconhecida, que narra eventos ocorridos entre 483 e 473a.C., relativos a um livramento que Deus concedeu ao povo judeu em função de uma trama demoníaca visando eliminá-los. Curiosamente, Deus não é mencionado, nominalmente, uma única vez sequer em todo o livro, mas o assunto principal, Sua providência, permeia todos os 10 capítulos do mesmo.

O rei Assuero (nome hebraico) de que fala o texto é Xerxes I (nome grego), que reinou desde 486 a 465a.C. na cidade de Susã, que juntamente com Persépolis sediava o reino medo-persa (*Ester 1.2*). A convocação dos príncipes, atendentes e oficiais do seu exército para uma festa que acabou durando 180 dias (*Ester 1.3-4*), e cuja finalidade era mostrar o esplendor do reino, dá-nos uma boa mostra do quão vaidoso deveria ser o rei Assuero.

O fato das mulheres terem participado, durante este período, de uma festa separada, reforça a teoria de que a ocasião foi aproveitada para planejar a invasão da Grécia, que Assuero empreendeu pouco depois. Assim sendo, teria havido uma festa de 7 dias após o final dos preparativos e nesta ocasião o rei quis apresentar a sua bela rainha Vasti aos seus hóspedes. Esta, contudo, recusando-se a vir, despertou não apenas o furor do rei, mas também a preocupação de todos os seus conselheiros de que seu exemplo pudesse vir a ser seguido por todas as outras mulheres do reino (*Ester 1.18*).

Para remediar esta situação Memucã, conselheiro do rei, propôs que Vasti fosse punida exemplarmente, tirando dela a coroa, que deveria ser dada a alguém "melhor do que ela" (*Ester 1.19*). Desta forma, seria desestimulada a rebelião por parte das mulheres, que honrariam, com maior zelo, os seus maridos. Esta sugestão agradou ao rei, bem como a todos os seus súditos; e assim se fez.

## Ester 2

### Versículos 1-23

1Algun tempo depois, quando cessou a indignação do rei Xerxes, ele se lembrou de Vasti, do que ela havia feito e do que ele tinha decretado contra ela.

2Então os conselheiros do rei sugeriram que se procurassem belas virgens para o rei  
3e que se nomeassem comissários em cada província do império para trazerem todas essas lindas moças ao harém da cidadela de Susã. Elas estariam sob os cuidados de Hegai, oficial responsável pelo harém, e deveriam receber tratamento de beleza.

4A moça que mais agradasse o rei seria rainha em lugar de Vasti. Esse conselho agradou o rei, e ele o pôs em execução.

5Nesse tempo vivia na cidadela de Susã um judeu chamado Mardoqueu, da tribo de Benjamim, filho de Jair, neto de Simei e bisneto de Quis.

6Ele fora levado de Jerusalém para o exílio por Nabucodonosor, rei da Babilônia, entre os que foram levados prisioneiros com Joaquim, rei de Judá.

7Mardoqueu tinha uma prima chamada Hadassa, que havia sido criada por ele, por não ter pai nem mãe. Essa moça, também conhecida como Ester, era atraente e muito bonita, e Mardoqueu a havia tomado como filha quando o pai e a mãe dela morreram.

8Quando a ordem e o decreto do rei foram proclamados, muitas moças foram trazidas à cidadela de Susã e colocadas sob os cuidados de Hegai. Ester também foi trazida ao palácio do rei e confiada a Hegai, encarregado do harém.

9A moça o agradou e ele a favoreceu. Ele logo lhe providenciou tratamento de beleza e comida especial. Designou-lhe sete moças escolhidas do palácio do rei e transferiu-a, junto com suas jovens, para o melhor lugar do harém.

10Ester não tinha revelado a que povo pertencia nem a origem da sua família, pois Mardoqueu a havia proibido de fazê-lo.

11Diariamente ele caminhava de um lado para outro perto do pátio do harém para saber como Ester estava e o que lhe estava acontecendo.

12Antes de qualquer daquelas moças apresentar-se ao rei Xerxes, devia completar doze meses de tratamento de beleza prescritos para as mulheres: seis meses com óleo de mirra e seis meses com perfumes e cosméticos.

13Quando ia apresentar-se ao rei, a moça recebia tudo o que quisesse levar consigo do harém para o palácio do rei.

14À tarde ela ia para lá e de manhã voltava para outra parte do harém, que ficava sob os cuidados de Saasgaz, oficial responsável pelas concubinas. Ela não voltava ao rei, a menos que dela ele se agradasse e a mandasse chamar pelo nome.

15 Quando chegou a vez de Ester, filha de Abiail, tio de Mardoqueu, que a tinha adotado como filha, ela não pediu nada além daquilo que Hegai, oficial responsável pelo harém, sugeriu. Ester causava boa impressão a todos os que a viam.

16 Ela foi levada ao rei Xerxes, à residência real, no décimo mês, o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado.

17 O rei gostou mais de Ester do que de qualquer outra mulher; ela foi favorecida por ele e ganhou sua aprovação mais do que qualquer das outras virgens. Então ele colocou nela uma coroa real e tornou-a rainha em lugar de Vasti.

18 O rei deu um grande banquete, o banquete de Ester, para todos os seus nobres e oficiais. Proclamou feriado em todas as províncias e distribuiu presentes por sua generosidade real.

19 Quando as virgens foram reunidas pela segunda vez, Mardoqueu estava sentado junto à porta do palácio real.

20 Ester havia mantido segredo sobre seu povo e sobre a origem de sua família, conforme a ordem de Mardoqueu, pois continuava a seguir as instruções dele, como fazia quando ainda estava sob sua tutela.

21 Um dia, quando Mardoqueu estava sentado junto à porta do palácio real, Bigtã e Teres, dois dos oficiais do rei que guardavam a entrada, estavam indignados e conspiravam para assassinar o rei Xerxes.

22 Mardoqueu, porém, descobriu o plano e o contou à rainha Ester, que, por sua vez, passou a informação ao rei, em nome de Mardoqueu.

23 Depois de investigada a informação e descobrindo-se que era verdadeira, os dois oficiais foram enforcados. Tudo isso foi escrito nos registros históricos, na presença do rei.

Passados alguns dias e amainada, contudo, a ira do rei, este se lembrou de Vasti, pelo que, temendo seus conselheiros que ele pudesse sentir-se tentado a trazê-la de volta, sugeriram que se buscasse, entre as moças de Susã, uma que a sucedesse (*Ester 2.1-4*).

Neste ponto do livro são apresentados, então, os personagens Mardoqueu (Mordecai, em algumas traduções), judeu benjamita, descendente dos transportados por Nabucodonozor (*Ester 2.6*) e sua prima órfã Hadassa (nome hebraico de Ester), por ele criada. Esta, devido à sua beleza marcante, foi levada ao palácio como candidata à vaga de rainha, tendo alcançado a preferência de todos quantos a viam (*Ester 2.15*), vindo a ser, também, a eleita do rei, assumindo a posição outrora pertencente a Vasti.

Mardoqueu, que costumava sentar à porta do palácio esperando notícias de Ester, ouviu, certa vez, uma conversa de 2 eunucos da guarda do rei tramando contra a vida de seu senhor, pelo que o fez saber ao rei através de Ester. Averiguados os fatos, constatou-se ser verídica a denúncia, e os 2 foram enforcados. O fato foi registrado no livro das crônicas dos reis da Média e da Pérsia, mas nenhuma recompensa foi dada a Mardoqueu (*Ester 2.21-23*).

Até o final de *Ester 2*, os fatos narrados não suscitariam por parte de um judeu piedoso senão um lamento, pelo fato da bela Ester se ter unido em matrimônio a um gentio, enquanto Mardoqueu, outrora um judeu respeitável, vivia agora também enfiado no palácio em meio a gentios. Nem de longe poder-se-ia supor que cada pequeno evento fizesse parte de um meticuloso plano divino para desbaratar as artimanhas do inimigo, que são narradas a partir de *Ester 3*.

## **Ester 3**

### Versículos 1-15

**1**Depois desses acontecimentos, o rei Xerxes honrou Hamã, filho de Hamedata, descendente de Agague, promovendo-o e dando-lhe uma posição mais elevada do que a de todos os demais nobres.

**2**Todos os oficiais do palácio real curvavam-se e prostravam-se diante de Hamã, conforme as ordens do rei. Mardoqueu, porém, não se curvava nem se prostrava diante dele.

**3**Então os oficiais do palácio real perguntaram a Mardoqueu: "Por que você desobedece à ordem do rei?"

**4**Dia após dia eles lhe falavam, mas ele não lhes dava atenção e dizia que era judeu. Então contaram tudo a Hamã para ver se o comportamento de Mardoqueu seria tolerado.

**5**Quando Hamã viu que Mardoqueu não se curvava nem se prostrava, ficou muito irado.

**6**Contudo, sabendo quem era o povo de Mardoqueu, achou que não bastava matá-lo. Em vez disso, Hamã procurou uma forma de exterminar todos os judeus, o povo de Mardoqueu, em todo o império de Xerxes.

**7**No primeiro mês do décimo segundo ano do reinado do rei Xerxes, no mês de nisã, lançaram o pur, isto é, a sorte, na presença de Hamã a fim de escolher um dia e um mês para executar o plano. E foi sorteado o décimo segundo mês, o mês de adar.

**8**Então Hamã disse ao rei Xerxes: "Existe certo povo disperso e espalhado entre os povos de todas as províncias do teu império, cujos costumes são diferentes dos de todos os outros povos e que não obedecem às leis do rei; não convém ao rei tolerá-los.

**9**Se for do agrado do rei, que se decrete a destruição deles, e eu colocarei trezentas e cinquenta toneladas de prata na tesouraria real à disposição para que se execute esse trabalho".

**10**Em vista disso, o rei tirou seu anel-selo do dedo, deu-o a Hamã, o inimigo dos judeus, filho de Hamedata, descendente de Agague, e lhe disse:

**11**"Fique com a prata e faça com o povo o que você achar melhor".

**12**Assim, no décimo terceiro dia do primeiro mês, os secretários do rei foram convocados. Hamã ordenou que escrevessem cartas na língua e na escrita de cada povo aos sátrapas do rei, aos governadores das várias províncias e aos chefes de cada povo. Tudo foi escrito em nome do rei Xerxes e selado com o seu anel.

**13**As cartas foram enviadas por mensageiros a todas as províncias do império com a ordem de exterminar e aniquilar completamente todos os judeus, jovens e idosos, mulheres e crianças, num único dia, o décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar, e de saquear os seus bens.

14 Uma cópia do decreto deveria ser publicada como lei em cada província e levada ao conhecimento do povo de cada nação, a fim de que estivessem prontos para aquele dia.  
15 Por ordem do rei, os mensageiros saíram às pressas, e o decreto foi publicado na cidadela de Susã. O rei e Hamã assentaram-se para beber, mas a cidade de Susã estava em confusão.

Nos 3 anos que se seguiram ao casamento de Ester, um personagem de nome Hamã, agagita (um possível descendente de Agague, rei dos amalequitas e, portanto, inimigo por tradição dos israelitas), foi exaltado à posição de 2ª pessoa no reino, abaixo somente de Assuero. Por ordem real todos deveriam se inclinar e prostrar diante dele. Se por um lado o inclinar-se denota uma questão de respeito, o prostrar-se parece caracterizar um ato de culto em reconhecimento ao status de "divindade" que teria sido adquirido. O cumprimento de tal ordem por parte de um judeu temente ao Deus Único (*Deuteronômio 6.4*) e cumpridor da lei seria, obviamente, fora de questão e Mardoqueu, por isso mesmo, a desacatou. Ao ser questionado pelos servos de Hamã com relação ao seu flagrante desrespeito, ele lhes declarou sua raça (*Ester 3.4*) e, certamente, o impasse legal correspondente; mas isso, ao invés de lhe servir de justificativa, acabou por lhe complicar mais ainda a situação. Hamã, que até então sequer reparara nele, passou a odiá-lo, pelo que a sua ira se voltou contra o povo judeu (*Ester 3.5-6*).

O restante de *Ester 3* narra a trama de Hamã, que tinha por finalidade eliminar o povo judeu da face da terra. É interessante ver que isso se dá numa época em que o templo está sendo concluído em Jerusalém e Satanás não está sendo bem sucedido em suas tentativas (narradas no livro de Esdras) de impedir que o "povo de Deus" restabeleça o culto. Assim é, que suas atenções se voltam para o local de onde emana o poder, para tentar mudar a sorte dos judeus numa esfera mais alta.

O plano de Hamã previa a mortandade de todo o povo judeu, praticada pelo próprio povo da terra, em cumprimento a uma ordem real, a título de vingança pelo dano que tal povo, rebelde ao rei, trazia à nação. Nada, além de uma trama diabólica, poderia levar um homem a intentar tamanha crueldade. É muito significativo, contudo, que Hitler e Hamã tiveram por trás o mesmo mentor e agiram em circunstâncias bastante semelhantes. Também Hitler, mesmo sem sabê-lo, agiu no sentido de afastar a iminência de retorno do povo à Palestina, incitando, também, o povo alemão contra os judeus, alegando ser danosa à nação a sua permanência no país. Podemos ver que, não obstante astuto (*Gênesis 3.1*), Satanás não é dotado de grande originalidade, pelo que o apóstolo Paulo também diz que "não ignoramos os seus ardis" (*II Coríntios 2.11*). Cabe a cada um de nós estar atento às suas "astutas ciladas" (*Efésios 6.11*), pois elas sempre podem ser discernidas espiritualmente (*Mateus 26.41*)!

Com o plano totalmente concebido, Hamã lançou sortes para escolher a data mais propícia para colocá-lo em prática (*Ester 3.7*), tendo sido sorteado o mês de Adar (o 12º, distante ainda 11 meses). Se por um lado isso daria bastante tempo para que todos os preparativos fossem concluídos, podemos ver nisso a mão de Deus, por outro,

concedendo ao Seu povo o tempo necessário para que sua defesa pudesse ser providenciada.

Para convencer o rei mais facilmente, Hamã não apenas denunciou o povo judeu como rebelde às leis do país, como também propôs dar ao rei 10.000 talentos de prata, uma espécie de suborno, para que este aprovasse o seu plano de simplesmente eliminá-los (*Ester 3.8-9*). Obviamente ele esperava colher do despojo dos judeus, que viesse a matar, uma quantia bem maior que essa. O desinteresse do rei pelo destino daqueles estrangeiros, contudo, foi tamanho, que limitou-se a tirar do dedo o anel que continha o selo real, entregando-o a Hamã, para que tomasse as devidas providências, sem fazer uma única pergunta. Quanto à prata prometida, o rei disse que ele mesmo ficasse com ela (*Ester 3.11*).

De posse do selo real, Hamã preparou cartas para todos os governadores do reino (entre os quais, obviamente, o de Judá), para que no dia 13 do mês de Adar todo o povo judeu do reino fosse morto e seus bens saqueados (*Ester 3.13*). Diz-nos o texto que, enviadas as cartas, Hamã e o rei se sentaram para beber, dando a entender que a vitória teria sido alcançada.

## **Ester 4**

### Versículos 1-17

Quando Mardoqueu soube de tudo o que tinha acontecido, rasgou as vestes, vestiu-se de pano de saco, cobriu-se de cinza, e saiu pela cidade, chorando amargamente em alta voz.

**2**Foi até a porta do palácio real, mas não entrou, porque ninguém vestido de pano de saco tinha permissão de entrar.

**3**Em cada província onde chegou o decreto com a ordem do rei, houve grande pranto entre os judeus, com jejum, choro e lamento. Muitos se deitavam em pano de saco e em cinza.

**4**Quando as criadas de Ester e os oficiais responsáveis pelo harém lhe contaram o que se passava com Mardoqueu, ela ficou muito aflita e mandou-lhe roupas para que as vestisse e tirasse o pano de saco; mas ele não quis aceitá-las.

**5**Então Ester convocou Hatá, um dos oficiais do rei, nomeado para ajudá-la, e deu-lhe ordens para descobrir o que estava perturbando Mardoqueu e por que ele estava agindo assim.

**6**Hatá foi falar com Mardoqueu na praça da cidade, em frente da porta do palácio real.

**7**Mardoqueu contou-lhe tudo o que lhe tinha acontecido e quanta prata Hamã tinha prometido depositar na tesouraria real para a destruição dos judeus.

**8**Deu-lhe também uma cópia do decreto que falava do extermínio e que tinha sido anunciado em Susã, para que ele o mostrasse a Ester e insistisse com ela para que fosse à presença do rei implorar misericórdia e interceder em favor do seu povo.

**9**Hatá retornou e relatou a Ester tudo o que Mardoqueu lhe tinha dito.

**10**Então ela o instruiu que dissesse o seguinte a Mardoqueu:

**11**"Todos os oficiais do rei e o povo das províncias do império sabem que existe somente uma lei para qualquer homem ou mulher que se aproxime do rei no pátio interno sem por ele ser chamado: será morto, a não ser que o rei estenda o cetro de ouro para a pessoa e lhe poupe a vida. E eu não sou chamada à presença do rei há mais de trinta dias".

**12**Quando Mardoqueu recebeu a resposta de Ester,

**13**mandou dizer-lhe: "Não pense que pelo fato de estar no palácio do rei, você será a única entre os judeus que escapará,

**14**pois, se você ficar calada nesta hora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas você e a família do seu pai morrerão. Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?"

**15**Então Ester mandou esta resposta a Mardoqueu:

**16**"Vá reunir todos os judeus que estão em Susã, e jejuem em meu favor. Não comam nem bebam durante três dias e três noites. Eu e minhas criadas jejuaremos como vocês. Depois disso irei ao rei, ainda que seja contra a lei. Se eu tiver que morrer, morreréi".

**17**Mardoqueu retirou-se e cumpriu todas as instruções de Ester.

*Ester 4* começa falando da tristeza com que Mardoqueu e os judeus em geral receberam a notícia do édito real. No caso específico de Mardoqueu, podemos supor existir, também, uma boa dose de sentimento de culpa, sabendo que sua atitude ostensiva fora a principal razão para aquela reação tão cruel de Hamã, que se abatia, agora, não só sobre ele, mas sobre todo o seu povo. Por toda a parte os judeus fizeram grande luto, jejum, choro e lamentação, suplicando diante de Deus pelo seu destino (isso fica implícito, embora o autor não o diga).

A atitude de Mardoqueu de rasgar seus vestidos, cingir-se de sacos com cinzas na cabeça e apresentar-se assim na porta do palácio, causou consternação por parte de Ester, que lhe mandou uma muda de roupa, por ele rejeitada. Esta, então, mandou um servo saber o que se passava, e este voltou com uma cópia do édito real e instruções de Mardoqueu no sentido de suplicar pelo seu povo diante do rei. Os costumes da época não facultavam à rainha tomar a iniciativa de ir ver o rei, podendo fazê-lo apenas quando chamada, havendo risco de vida em caso de desobediência. Ester fez saber isso a Mardoqueu, que respondeu segundo as palavras mais conhecidas de todo o livro: "Porque se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?" (*Ester 4.14*).

A difícil situação da rainha Ester exigia que ela exercesse fé, apesar das circunstâncias. Ela corria risco de vida para se achegar ao rei (seria morta por lei caso este não estendesse para ela o cetro real) e, mesmo sendo recebida, teria que informar ao rei que ocultara dele o fato de ser judia, antes mesmo de suplicar por seu povo. Muitas vezes também nós somos chamados a falar ou agir em circunstâncias adversas, nas quais aparentemente seria mais fácil escolher o silêncio ou a omissão. Para ocasiões como esta é oportuno que meditemos sobre a resposta de Mardoqueu:

- primeiro → Ester não deveria supor que ela escaparia caso se omitisse (a omissão de Jonas fez com que acabasse na barriga de um grande peixe);

- segundo → a sua omissão resultaria em providência divina através de outro vaso, mas ela teria perdido a sua grande chance. Quantas e quantas vezes nos lamentamos pelo fato de Deus não nos usar ao mesmo tempo em que estamos sendo omissos em relação às oportunidades de serviço que Ele nos concede. Não permitamos que Deus seja obrigado a fazer clamar as pedras porque nós optamos por ficar calados (*Lucas 19.40*!);
- terceiro → Mardoqueu aventou a hipótese de ela ter sido colocada ali justamente para remediar aquela situação. Obviamente a providência divina está implícita nas palavras dele, mas mais uma vez o autor deixa de mencioná-la. O apóstolo Paulo nos assegura que **"todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus..."** (*Romanos 8.28*); portanto, "com toda certeza", Ester não estava ali por acaso, nem tampouco nós fomos colocados onde estamos por acaso. Pode até ser que seja por rebeldia, mas, mesmo nesse caso, Ele o permitiu porque tem algo a nos ensinar.

*Ester 4.15-16* nos mostra que a rainha aceitou a repreensão de Mardoqueu e pediu que os judeus estivessem em jejum por ela durante 3 dias de preparativos. É, no mínimo, curiosa a omissão do Nome de Deus, quando salta aos olhos que seu pedido é pelas orações intercessórias dos judeus.

## Ester 5

Versículos 1-14

**1**Três dias depois, Ester vestiu seus trajes de rainha e colocou-se no pátio interno do palácio, em frente do salão do rei. O rei estava no trono, de frente para a entrada.

**2**Quando viu a rainha Ester ali no pátio, teve misericórdia dela e estendeu-lhe o cetro de ouro que tinha na mão. Ester aproximou-se e tocou a ponta do cetro.

**3**E o rei lhe perguntou: "Que há, rainha Ester? Qual é o seu pedido? Mesmo que seja a metade do reino, será dado a você".

**4**Respondeu Ester: "Se for do agrado do rei, venha com Hamã a um banquete que lhe preparei".

**5**Disse o rei: "Tragam Hamã imediatamente, para que ele atenda ao pedido de Ester". Então o rei e Hamã foram ao banquete que Ester havia preparado.

**6**Enquanto bebiam vinho, o rei tornou a perguntar a Ester: "Qual é o seu pedido? Você será atendida. Qual o seu desejo? Mesmo que seja a metade do reino, será concedido a você".

**7**E Ester respondeu: "Este é o meu pedido e o meu desejo:

**8**Se o rei tem consideração por mim e se lhe agrada atender e conceder o meu pedido, que o rei e Hamã venham amanhã ao banquete que lhes preparei. Então responderei à pergunta do rei".

**9**Naquele dia, Hamã saiu alegre e contente. Mas ficou furioso quando viu que Mardoqueu, que estava junto à porta do palácio real, não se levantou nem mostrou respeito em sua presença.

**10**Hamã, porém, controlou-se e foi para casa. Reunindo seus amigos e Zeres, sua mulher,

**11**Hamã vangloriou-se de sua grande riqueza, de seus muitos filhos e de como o rei o havia honrado e promovido acima de todos os outros nobres e oficiais.

**12**E acrescentou Hamã: "Além disso, sou o único que a rainha Ester convidou para acompanhar o rei ao banquete que ela lhe ofereceu. Ela me convidou para comparecer amanhã, com o rei.

**13**Mas tudo isso não me dará satisfação enquanto eu vir aquele judeu Mardoqueu sentado junto à porta do palácio real".

**14**Então Zeres, sua mulher, e todos os seus amigos lhe sugeriram: "Mande fazer uma forca, de mais de vinte metros de altura, e logo pela manhã peça ao rei que Mardoqueu seja enforcado nela. Assim você poderá acompanhar o rei ao jantar e alegrar-se". A sugestão agradou Hamã, e ele mandou fazer a forca.

Ao 3º dia ela entrou no pátio da casa do rei e este, assentado sobre o trono, apontou para ela o seu cetro e, ainda muito surpreso, perguntou o que havia acontecido, que justificasse ela arriscar a vida, ou que pedido especial ela teria a lhe fazer (*Ester 5.1-3*). O pedido de Ester foi, de certa maneira, surpreendente. Aparentemente, ou faltou coragem ou ela queria fazer a denúncia na presença do próprio Hamã. Ela pediu que o rei viesse ao banquete que ela lhe havia preparado, trazendo consigo a Hamã, durante o qual o rei novamente perguntou o que ela desejava, e mais uma vez ela adiou a conversa, renovando o convite para outro banquete no dia seguinte.

Naquele dia Hamã saiu do primeiro banquete exultante pela atenção que lhe fora destinada pela rainha, mas mal chegou à porta do palácio e sua alegria cedeu lugar ao ódio que sentiu por encontrar-se com Mardoqueu, que mais uma vez deixou de reverenciá-lo. Chegando em casa, ele contou à esposa e aos amigos o quanto fora engrandecido, mas não conseguiu esconder o seu ressentimento em relação a Mardoqueu, pelo que eles o aconselharam a mandar construir uma forca para nela mandar enforcá-lo.

## **Ester 6**

Versículos 1-14

**1**Naquela noite, o rei não conseguiu dormir; por isso ordenou que trouxessem o livro das crônicas do seu reinado e que o lessem para ele.

**2**E foi lido o registro de que Mardoqueu tinha denunciado Bigtã e Teres, dois dos oficiais do rei que guardavam a entrada do Palácio e que haviam conspirado para assassinar o rei Xerxes.

**3**"Que honra e reconhecimento Mardoqueu recebeu por isso?", perguntou o rei. Seus oficiais responderam: "Nada lhe foi feito".

**4**O rei perguntou: "Quem está no pátio?" Ora, Hamã havia acabado de entrar no pátio externo do palácio para pedir ao rei o enforcamento de Mardoqueu na forca que ele lhe havia preparado.

**5**Os oficiais do rei responderam: "É Hamã que está no pátio". "Façam-no entrar", ordenou o rei.

**6**Entrando Hamã, o rei lhe perguntou: "O que se deve fazer ao homem que o rei tem o prazer de honrar?" E Hamã pensou consigo: "A quem o rei teria prazer de honrar, senão a mim?"

**7**Por isso respondeu ao rei: "Ao homem que o rei tem prazer de honrar,

**8**ordena que tragam um manto do próprio rei e um cavalo que o rei montou, e que ele leve o brasão do rei na cabeça.

**9**Em seguida, sejam o manto e o cavalo confiados a alguns dos príncipes mais nobres do rei, e ponham eles o manto sobre o homem que o rei deseja honrar e o conduzam sobre o cavalo pelas ruas da cidade, proclamando diante dele: 'Isto é o que se faz ao homem que o rei tem o prazer de honrar!' "

**10**O rei ordenou então a Hamã: "Vá depressa apanhar o manto e o cavalo e faça ao judeu Mardoqueu o que você sugeriu. Ele está sentado junto à porta do palácio real. Não omita nada do que você recomendou".

**11**Então Hamã apanhou o cavalo, vestiu Mardoqueu com o manto e o conduziu sobre o cavalo pelas ruas da cidade, proclamando à frente dele: "Isto é o que se faz ao homem que o rei tem o prazer de honrar!"

**12**Depois disso, Mardoqueu voltou para a porta do palácio real. Hamã, porém, correu para casa com o rosto coberto, muito aborrecido

**13**e contou a Zeres, sua mulher, e a todos os seus amigos tudo o que lhe havia acontecido. Tanto os seus conselheiros como Zeres, sua mulher, lhe disseram: "Visto que Mardoqueu, diante de quem começou a sua queda, é de origem judaica, você não terá condições de enfrentá-lo. Sem dúvida, você ficará arruinado!"

**14**E, enquanto ainda conversavam, chegaram os oficiais do rei e, às pressas, levaram Hamã para o banquete que Ester havia preparado.

Naquela noite, porém, o texto nos diz que "fugiu o sono do rei", que mandou que fossem lidas perante si as crônicas dos reis da Média e da Pérsia, onde se achou escrito que seus dois eunucos haviam conspirado contra ele, tendo sido denunciados por Mardoqueu. Embora o autor narre este evento como uma feliz coincidência, é óbvio que sua atenção está voltada para a interferência de Deus nos eventos que está narrando. O próprio fato de Mardoqueu não ter sido recompensado por sua fidelidade ocorre a Assuero como um lapso imperdoável que precisa urgentemente ser reparado, exatamente no momento em que Hamã está adentrando o pátio do rei para pedir a sua cabeça (*Ester 6.4*). É impossível que ocorra a qualquer pessoa que isso tenha acontecido por mera coincidência. O rei, então, pergunta a Hamã o que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada? Este, pensando tratar-se dele mesmo, sugeriu que lhe vestissem de trajes reais, que colocassem sobre sua cabeça a coroa real e que o levassem pela cidade em montaria real, apregoando que assim se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada. Satisfeito com a sugestão, o rei mandou que Hamã mesmo se encarregasse de fazer isso pessoalmente com Mardoqueu. Tendo Hamã cumprido a ordem do rei,

voltou correndo para casa enojado daquela situação, onde os parentes concordaram, quase profeticamente, que seria difícil que ele prevalecesse diante de Mardoqueu (*Ester* 6.13). Nesse mesmo instante os servos do rei chegaram para levá-lo ao banquete da rainha.

## **Ester 7**

### Versículos 1-10

**1**O rei e Hamã foram ao banquete com a rainha Ester,

**2**e, enquanto estavam bebendo vinho no segundo dia, o rei perguntou de novo: "Rainha Ester, qual é o seu pedido? Você será atendida. Qual o seu desejo? Mesmo que seja a metade do reino, isso será concedido a você".

**3**Então a rainha Ester respondeu: "Se posso contar com o favor do rei e se isto lhe agrada, poupe a minha vida e a vida do meu povo; este é o meu pedido e o meu desejo.

**4**Pois eu e meu povo fomos vendidos para destruição, morte e aniquilação. Se apenas tivéssemos sido vendidos como escravos e escravas, eu teria ficado em silêncio, porque nenhuma aflição como essa justificaria perturbar o rei".

**5**O rei Xerxes perguntou à rainha Ester: "Quem se atreveu a uma coisa dessas? Onde está ele?"

**6**Respondeu Ester: "O adversário e inimigo é Hamã, esse perverso". Diante disso, Hamã ficou apavorado na presença do rei e da rainha.

**7**Furioso, o rei levantou-se, deixou o vinho, saiu dali e foi para o jardim do palácio. E percebendo Hamã que o rei já tinha decidido condená-lo, ficou ali para implorar por sua vida à rainha Ester.

**8**E voltando o rei do jardim do palácio ao salão do banquete, viu Hamã caído sobre o assento onde Ester estava reclinada. E então exclamou: "Chegaria ele ao cúmulo de violentar a rainha na minha presença e em minha própria casa?" Mal o rei terminou de dizer isso, alguns oficiais cobriram o rosto de Hamã.

**9**E um deles, chamado Harbona, que estava a serviço do rei, disse: "Há uma forca de mais de vinte metros de altura junto à casa de Hamã, que ele fez para Mardoqueu, aquele que intercedeu pela vida do rei". Então o rei ordenou: "Enforcuem-na nela!"

**10**Assim Hamã morreu na forca que tinha preparado para Mardoqueu; e a ira do rei se acalmou.

Durante o 2º banquete, Assuero novamente se dirigiu à rainha solicitando que esta fizesse o seu pedido. Foi, então, para a surpresa de todos, que ela implorou por sua vida e pelo seu povo (*Ester* 7.3-4). Ao cientificar-se dos detalhes e do culpado e, provavelmente, sabendo que ele mesmo, por sua displicência, tivera culpa naquela situação, o rei saiu do salão de banquete para esfriar a cabeça. Disso se aproveitou Hamã para se prostrar diante de Ester com o intuito de rogar por sua própria vida. Ao voltar, contudo, o rei teve a impressão de que, além de tudo que já fizera, Hamã estaria tentando se aproveitar da rainha, pelo que, dando ouvidos à sugestão de um de seus servos, mandou enforcá-lo na forca que preparara para Mardoqueu.

## Ester 8

### Versículos 1-17

**1**Naquele mesmo dia, o rei Xerxes deu à rainha Ester todos os bens de Hamã, o inimigo dos judeus. E Mardoqueu foi trazido à presença do rei, pois Ester lhe dissera que ele era seu parente.

**2**O rei tirou seu anel-selo, que havia tomado de Hamã, e o deu a Mardoqueu; e Ester o nomeou administrador dos bens de Hamã.

**3**Mas Ester tornou a implorar ao rei, chorando aos seus pés, que revogasse o plano maligno de Hamã, o agagita, contra os judeus.

**4**Então o rei estendeu o cetro de ouro para Ester, e ela se levantou diante dele e disse:

**5**"Se for do agrado do rei, se posso contar com o seu favor e se ele considerar justo, que se escreva uma ordem revogando as cartas que Hamã, filho do agagita Hamedata, escreveu para que os judeus fossem exterminados em todas as províncias do império.

**6**Pois, como suportarei ver a desgraça que cairá sobre o meu povo? Como suportarei a destruição da minha própria família?"

**7**O rei Xerxes respondeu à rainha Ester e ao judeu Mardoqueu: "Mandei enforcar Hamã e dei os seus bens a Ester porque ele atentou contra os judeus.

**8**Escrevam agora outro decreto em nome do rei, em favor dos judeus, como melhor lhes parecer, e selem-no com o anel-selo do rei, pois nenhum documento escrito em nome do rei e selado com o seu anel pode ser revogado".

**9**Isso aconteceu no vigésimo terceiro dia do terceiro mês, o mês de sivã. Os secretários do rei foram imediatamente convocados e escreveram todas as ordens de Mardoqueu aos judeus, aos sátrapas, aos governadores e aos nobres das cento e vinte e sete províncias que se estendiam da Índia até a Etiópia. Essas ordens foram redigidas na língua e na escrita de cada província e de cada povo e também na língua e na escrita dos judeus.

**10**Mardoqueu escreveu em nome do rei Xerxes, selou as cartas com o anel-selo do rei e as enviou por meio de mensageiros montados em cavalos velozes, das estrebarias do próprio rei.

**11**O decreto do rei concedia aos judeus de cada cidade o direito de se reunirem e de se protegerem, de destruir, matar e aniquilar qualquer força armada de qualquer povo ou província que os ameaçasse, a eles, suas mulheres e seus filhos, e o direito de saquear os bens dos seus inimigos.

**12**O decreto entrou em vigor nas províncias do rei Xerxes no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar.

**13**Uma cópia do decreto foi publicada como lei em cada província e levada ao conhecimento do povo de cada nação, a fim de que naquele dia os judeus estivessem prontos para vingar-se dos seus inimigos.

**14**Os mensageiros, montando cavalos das estrebarias do rei, saíram a galope, por causa da ordem do rei. O decreto também foi publicado na cidadela de Susã.

**15**Mardoqueu saiu da presença do rei usando vestes reais em azul e branco, uma grande coroa de ouro e um manto púrpura de linho fino. E a cidadela de Susã exultava de alegria.

**16**Para os judeus foi uma ocasião de felicidade, alegria, júbilo e honra.

**17** Em cada província e em cada cidade, onde quer que chegasse o decreto do rei, havia alegria e júbilo entre os judeus, com banquetes e festas. Muitos que pertenciam a outros povos do reino tornaram-se judeus, porque o temor dos judeus tinha se apoderado deles.

Não satisfeito, o rei deu a Ester a casa de Hamã, que a colocou sob os cuidados de Mardoqueu. Havia que ser resolvida, contudo, a questão da mortandade permitida dos judeus, o que fez com que a rainha chorasse e implorasse diante do rei, para que o decreto fosse revogado. Como os decretos selados com o anel do rei eram irrevogáveis (*Ester 8.8*), o rei sugeriu que eles pensassem em algum outro decreto, que permitisse aos judeus alterar a condenação criada pelo anterior. Deus resolve as situações insolúveis e remedia os problemas irremediáveis! Mardoqueu preparou, ainda no 3º mês, uma nova ordem real segundo a qual os judeus poderiam se ajuntar para promover a sua defesa e vingança em caso de ataque.

## **Ester 9**

Versículos 1-32

**1** No décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar, entraria em vigor o decreto do rei. Naquele dia, os inimigos dos judeus esperavam vencê-los, mas aconteceu o contrário: os judeus dominaram aqueles que os odiavam,

**2** reunindo-se em suas cidades, em todas as províncias do rei Xerxes, para atacar os que buscavam a sua destruição. Ninguém conseguia resistir-lhes, porque todos os povos estavam com medo deles.

**3** E todos os nobres das províncias, os sátrapas, os governadores e os administradores do rei apoiaram os judeus, porque o medo que tinham de Mardoqueu havia se apoderado deles.

**4** Mardoqueu era influente no palácio; sua fama espalhou-se pelas províncias, e ele se tornava cada vez mais poderoso.

**5** Os judeus feriram todos os seus inimigos à espada, matando-os e destruindo-os, e fizeram o que quiseram com eles.

**6** Na cidadela de Susã os judeus mataram e destruíram quinhentos homens.

**7** Também mataram Parsandata, Dalfom, Aspata,

**8** Porata, Adalia, Aridata,

**9** Farmasta, Arisai, Aridai e Vaisata,

**10** os dez filhos de Hamã, filho de Hamedata, o inimigo dos judeus. Mas não se apossaram dos seus bens.

**11** Naquele mesmo dia, o total de mortos na cidadela de Susã foi relatado ao rei,

**12** que disse à rainha Ester: "Os judeus mataram e destruíram quinhentos homens e os dez filhos de Hamã na cidadela de Susã. Que terão feito nas outras províncias do império? Agora, diga qual é o seu pedido, e você será atendida. Tem ainda algum desejo? Este será concedido a você".

**13** Respondeu Ester: "Se for do agrado do rei, que os judeus de Susã tenham autorização para executar também amanhã o decreto de hoje, para que os corpos dos dez filhos de Hamã sejam pendurados na força".

14Então o rei deu ordens para que assim fosse feito. O decreto foi publicado em Susã, e os corpos dos dez filhos de Hamã foram pendurados na forca.

15Os judeus de Susã ajuntaram-se no décimo quarto dia do mês de adar e mataram trezentos homens em Susã, mas não se apossaram dos seus bens.

16Enquanto isso, o restante dos judeus que viviam nas províncias do império também se ajuntaram para se protegerem e se livrarem dos seus inimigos. Eles mataram setenta e cinco mil deles, mas não se apossaram dos seus bens.

17Isso aconteceu no décimo terceiro dia do mês de adar, e no décimo quarto dia descansaram e fizeram dessa data um dia de festa e de alegria.

18Os judeus de Susã, porém, tinham se reunido no décimo terceiro e no décimo quarto dias e no décimo quinto descansaram e dele fizeram um dia de festa e de alegria.

19Por isso os judeus que vivem em vilas e povoados comemoram o décimo quarto dia do mês de adar como um dia de festa e de alegria, um dia de troca de presentes.

20Mardoqueu registrou esses acontecimentos e enviou cartas a todos os judeus de todas as províncias do rei Xerxes, próximas e distantes,

21determinando que anualmente se comemorassem o décimo quarto e o décimo quinto dias do mês de adar,

22pois nesses dias os judeus livraram-se dos seus inimigos; nesse mês a sua tristeza tornou-se em alegria; e o seu pranto, num dia de festa. Escreveu-lhes dizendo que comemorassem aquelas datas como dias de festa e de alegria, de troca de presentes e de ofertas aos pobres.

23E assim os judeus adotaram como costume aquela comemoração, conforme o que Mardoqueu lhes tinha ordenado por escrito.

24Pois Hamã, filho do agagita Hamedata, inimigo de todos os judeus, tinha tramado contra eles para destruí-los e tinha lançado o pur, isto é, a sorte para a ruína e destruição deles.

25Mas, quando isso chegou ao conhecimento do rei, ele deu ordens escritas para que o plano maligno de Hamã contra os judeus se voltasse contra a sua própria cabeça, e para que ele e seus filhos fossem enforcados.

26Por isso aqueles dias foram chamados Purim, da palavra pur. Considerando tudo o que estava escrito nessa carta, o que tinham visto e o que tinha acontecido,

27os judeus decidiram estabelecer o costume de que eles e os seus descendentes e todos os que se tornassem judeus não deixariam de comemorar anualmente esses dois dias, na forma prescrita e na data certa.

28Esses dias seriam lembrados e comemorados em cada família de cada geração, em cada província e em cada cidade, e jamais deveriam deixar de ser comemorados pelos judeus. E os seus descendentes jamais deveriam esquecer-se de tais dias.

29Então a rainha Ester, filha de Abiail, e o judeu Mardoqueu escreveram com toda a autoridade uma segunda carta para confirmar a primeira, acerca do Purim.

30Mardoqueu enviou cartas a todos os judeus das cento e vinte e sete províncias do império de Xerxes, desejando-lhes paz e segurança,

31e confirmando que os dias de Purim deveriam ser comemorados nas datas determinadas, conforme o judeu Mardoqueu e a rainha Ester tinham decretado e estabelecido para si mesmos, para todos os judeus e para os seus descendentes, e acrescentou observações sobre tempos de jejum e de lamentação.

32O decreto de Ester confirmou as regras do Purim, e isso foi escrito nos registros.

Nove meses mais tarde, quando finalmente chegou o dia determinado por Hamã para o extermínio dos judeus, ocorreu justamente o contrário, com os judeus se vingando dos seus inimigos num total de mais de 75.000 pessoas mortas. Assim cumpriu-se, literalmente, o que foi dito por Paulo, ainda que referindo-se à vitória de Jesus, "...tragada foi a morte na vitória" (ICoríntios 15.54), pois o dia que seria de morte acabou por se tornar em dia de vitória.

## Ester 10

Versículos 1-3

1O rei Xerxes impôs tributos a todo o império, até sobre as distantes regiões costeiras.  
2Todos os seus atos de força e de poder, e o relato completo da grandeza de Mardoqueu, a quem o rei dera autoridade, estão registrados no livro das crônicas dos reis da Média e da Pérsia.  
3O judeu Mardoqueu foi o segundo na hierarquia, depois do rei Xerxes. Era homem importante entre os judeus e foi muito amado por eles, pois trabalhou para o bem do seu povo e promoveu o bem-estar de todos.

*Ester 10* narra a exaltação de Mardoqueu na corte de Assuero, mostrando, mais uma vez, a fidelidade de Deus para com os Seus. O texto é bem claro ao ressaltar a bênção que ele foi para o seu povo. É bonito ver como os homens abençoados por Deus abençoam, por sua vez, aqueles que lhes são próximos.

## Malaquias 1

Versículos 1-14

1Uma advertência: a palavra do Senhor contra Israel, por meio de Malaquias.  
2"Eu sempre os amei", diz o Senhor. "Mas vocês perguntam: 'De que maneira nos amaste?' "Não era Esaú irmão de Jacó?", declara o Senhor. "Todavia eu amei Jacó,  
3mas rejeitei Esaú. Transformei suas montanhas em terra devastada e as terras de sua herança em morada de chacais do deserto."  
4Embora Edom afirme: "Fomos esmagados, mas reconstruiremos as ruínas", assim diz o Senhor dos Exércitos: "Podem construir, mas eu demolirei. Eles serão chamados Terra Perversa, povo contra quem o Senhor está irado para sempre.  
5Vocês verão isso com os seus próprios olhos e exclamarão: 'Grande é o Senhor, até mesmo além das fronteiras de Israel!'  
6"O filho honra seu pai, e o servo, o seu senhor. Se eu sou pai, onde está a honra que me é devida? Se eu sou senhor, onde está o temor que me devem?", pergunta o Senhor dos Exércitos a vocês, sacerdotes. "São vocês que desprezam o meu nome! "Mas vocês perguntam: 'De que maneira temos desprezado o teu nome?'

7"Traçando comida impura ao meu altar! "E mesmo assim ainda perguntam: 'De que maneira te desonramos?' "Ao dizerem que a mesa do Senhor é desprezível.

8"Na hora de trazerem animais cegos para sacrificar, vocês não veem mal algum. Na hora de trazerem animais aleijados e doentes como oferta, também não veem mal algum. Tentem oferecê-los de presente ao governador! Será que ele se agradecerá de vocês? Será que os atenderá?", pergunta o Senhor dos Exércitos.

9"E agora, sacerdotes, tentem apaziguar Deus para que tenha compaixão de nós! Será que com esse tipo de oferta ele os atenderá?", pergunta o Senhor dos Exércitos.

10"Ah, se um de vocês fechasse as portas do templo! Assim ao menos não acenderiam o fogo do meu altar inutilmente. Não tenho prazer em vocês", diz o Senhor dos Exércitos, "e não aceitarei as suas ofertas.

11Pois, do oriente ao ocidente, grande é o meu nome entre as nações. Em toda parte incenso é queimado e ofertas puras são trazidas ao meu nome, porque grande é o meu nome entre as nações", diz o Senhor dos Exércitos.

12"Mas vocês o profanam ao dizerem que a mesa do Senhor é imunda e que a sua comida é desprezível.

13E ainda dizem: 'Que canseira!' e riem dela com desprezo", diz o Senhor dos Exércitos. "Quando vocês trazem animais roubados, aleijados e doentes e os oferecem em sacrifício, deveria eu aceitá-los de suas mãos?", pergunta o Senhor.

14"Maldito seja o enganador que, tendo no rebanho um macho sem defeito, promete oferecê-lo e depois sacrifica para mim um animal defeituoso", diz o Senhor dos Exércitos; "pois eu sou um grande rei, e o meu nome é temido entre as nações."

Malaquias, cujo nome é motivo de debate, mas parece significar "meu mensageiro", foi o último dos profetas do Velho Testamento. Embora não seja possível colocar datas precisas em suas palavras, podemos inferir que ele pregou, no mínimo, 50 anos e, provavelmente, mais de um século após Ageu e Zacarias. O templo fora concluído havia muito tempo e, embora a rotina do culto e sacrifícios prosseguisse, não havia nada que confirmasse as palavras de Ageu no sentido de fazer com que a glória daquela casa pudesse vir a ser maior que a do templo de Salomão (*Ageu 2.9*). Já não havia mais milagres como nos dias de Elias e Eliseu e, olhando para a prosperidade dos ímpios, não havia nada que fizesse crer que valia a pena servir ao Senhor.

É em tempos como esses, para evitar que o Seu povo se corrompa (*Provérbios 29.18a*), que Deus suscita o "Seu mensageiro", cujas palavras podem ser resumidas pela 2ª parte do provérbio supracitado: "...mas o que guarda a lei, esse é abençoado" (*Provérbios 29.18b*).

O estilo do discurso de Malaquias pressupõe a existência de um interlocutor que descrê de tudo que ele está dizendo, até que o profeta possa prover evidências, o que ele faz sistematicamente, citando fatos aparentemente despercebidos ao seu interlocutor hipotético. É uma forma de ensino prática, que viria a ser utilizada com frequência pelo apóstolo Paulo séculos mais tarde.

Ainda antes de iniciar o estudo do texto, é preciso ressaltar o quanto este está impregnado de conceitos relativos à Aliança, quais sejam: a eleição, as maldições decorrentes de sua quebra e as bênçãos para aqueles que a guardam.

É justamente sob o enfoque da eleição que devemos entender a declaração de amor de Deus por Jacó e o fato dEle **"aborrecer a Esaú..."** (*Malaquias 1.3*). Não é que Deus nutra ódio pelo pecador, pois bem sabemos de que modo **Ele amou o mundo** (*João 3.16*) e qual a Sua longanimidade, **não querendo que ninguém se perca** (*IIPedro 3.9*); mas no âmbito da Aliança, e sob o princípio da eleição, aquele que ama a Deus se torna "conhecido" dEle (*ICoríntios 8.3; Romanos 8.28*) e não pode mais ser **"separado do Seu amor"** (*Romanos 8.35*). Esaú não buscou a Deus enquanto podia achá-LO, nem tampouco **invocou-O enquanto esteve perto** (*Isaías 55.6*), antes desprezou a herança que Deus lhe dera (*Gênesis 25.34*), pelo que **"...amou Deus a Jacó"** (*Malaquias 1.2*), não obstante ser enganador, e entregou Esaú à própria sorte (*Malaquias 1.3*).

Essa expressão "sorte" é, na realidade, uma palavra totalmente inadequada, pois quando o homem se entrega ao pecado, Deus não o abençoa e a maldição pesa sobre ele. Assim é, que Edom se alinhou com os babilônios na invasão de Nabucodonozor em 586a.C., tendo merecido a condenação de diversos profetas (por exemplo, *Ezequiel 35.7* - **"Farei do Monte de Seir uma extrema assolação..."**), pelo que foi varrido nos anos que se seguiram pelos nabateus (um povo nômade do deserto), que o expulsou de suas terras, obrigando-o a se estabelecer no deserto ao sul de Judá, numa região chamada Neguebe, à qual deram o nome de Iduméia, enquanto os nabateus construía Petra na montanha de Seir.

Tendo provado Sua declaração anterior referente ao Seu amor por Jacó, através do tratamento diferenciado dado aos dois irmãos, Deus agora entra no assunto principal da profecia de Malaquias, qual seja: o fato dEle não poder tolerar que o sacerdócio de Jacó continue a ser tão inconsequente.

À pergunta de Deus, **"...se sou Pai e Senhor, onde estão a minha honra e respeito?..."**, o interlocutor de Jacó já responde com outra pergunta: **"...mas em que desrespeitamos o Teu nome?"** (*Malaquias 1.6*). A resposta de Deus, registrada em *Malaquias 1.7-14*, não deve ser vista, a seguir, como uma repreensão ao sacerdócio de Jacó somente, mas devemos aproveitar para questionar a sinceridade do nosso próprio culto. As acusações davam conta de que as ofertas feitas a Deus não expressavam o melhor que o povo tinha para oferecer, querendo, antes, que Ele Se contentasse com as "sobras", à medida em que ficavam com o melhor para si.

Hoje, de igual modo, devemos nos perguntar se a forma como cultuamos denota que amamos o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de todo o nosso entendimento e com toda a nossa força (*Deuteronômio 6.5*). Se a resposta a essa pergunta não puder ser afirmativa, então, é a nós que Malaquias está dirigindo as suas palavras. Se apresentamos honra e respeito a outras pessoas, bem inferiores ao Rei dos reis na escala hierárquica, como podemos admitir que nosso culto não seja revestido desses

ingredientes em muito maior intensidade. Pequenas coisas, que não são importantes em si mesmas, nos ajudam a avaliar o nosso procedimento. Será que comparecemos ao culto com a mesma pontualidade com que compareceríamos a uma audiência com alguma autoridade pública? Será que nos trajamos para ir ao culto da mesma forma como o faríamos para comparecer perante o Presidente da República? Se formos tentados a responder a essas duas perguntas dizendo que "isso não é importante, porque Deus olha mesmo o coração", é porque a resposta é não. Embora seja totalmente verdadeira a afirmativa de que Deus olha o coração, fato é que nosso zelo e respeito têm que se expressar também nas pequenas coisas.

A perseguição religiosa na China fez muitas vítimas durante o governo de Mao Tse Tung e, num determinado dia, os soldados invadiram uma casa onde se reuniam alguns crentes e mataram o "pastor" diante da esposa. A ela, contudo, foi dado o direito de negar a sua fé para escapar ao fuzilamento. Sua resposta foi antecedida por uma solicitação para que lhe fosse concedido vestir a sua melhor roupa, após o que ela disse que estava pronta para se encontrar com seu Deus. Claro que a roupa ficou ali mesmo inutilizada pelos furos das balas, mas a atitude de seu coração certamente subiu em memorial diante de Deus (*Atos 10.31*). Essa era a disposição de coração que Deus queria dos sacerdotes à época de Malaquias e requer, também, de nós hoje.

## Malaquias 2

Versículos 1-17

1"E agora esta advertência é para vocês, ó sacerdotes.

2Se vocês não derem ouvidos e não se dispuserem a honrar o meu nome", diz o Senhor dos Exércitos, "lançarei maldição sobre vocês e até amaldiçoarei as suas bênçãos. Aliás, já as amaldiçoei, porque vocês não me honram de coração.

3"Por causa de vocês eu destruirei a sua descendência; esfregarei na cara de vocês os excrementos dos animais oferecidos em sacrifício em suas festas e lançarei vocês fora, com os excrementos.

4Então vocês saberão que fui eu que fiz a vocês esta advertência para que a minha aliança com Levi fosse mantida", diz o Senhor dos Exércitos.

5"A minha aliança com ele foi uma aliança de vida e de paz, que na verdade lhe dei para que me temesse. Ele me temeu e tremeu diante do meu nome.

6A verdadeira lei estava em sua boca e nenhuma falsidade achou-se em seus lábios. Ele andou comigo em paz e retidão e desviou muitos do pecado.

7"Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca todos esperam a instrução na Lei, porque ele é o mensageiro do Senhor dos Exércitos.

8Mas vocês se desviaram do caminho e pelo seu ensino causaram a queda de muita gente; vocês quebraram a aliança de Levi", diz o Senhor dos Exércitos.

9"Por isso eu fiz que fossem desprezados e humilhados diante de todo o povo, porque vocês não seguem os meus caminhos, mas são parciais quando ensinam a Lei."

10 Não temos todos o mesmo Pai? Não fomos todos criados pelo mesmo Deus? Por que será, então, que quebramos a aliança dos nossos antepassados sendo infiéis uns com os outros?

11 Judá tem sido infiel. Uma coisa repugnante foi cometida em Israel e em Jerusalém; Judá desonrou o santuário que o Senhor ama; homens casaram-se com mulheres que adoram deuses estrangeiros.

12 Que o Senhor lance fora das tendas de Jacó o homem que faz isso, seja ele quem for, mesmo que esteja trazendo ofertas ao Senhor dos Exércitos.

13 Há outra coisa que vocês fazem: Enchem de lágrimas o altar do Senhor; choram e gemem porque ele já não dá atenção às suas ofertas nem as aceita com prazer.

14 E vocês ainda perguntam: "Por quê?" É porque o Senhor é testemunha entre você e a mulher da sua mocidade, pois você não cumpriu a sua promessa de fidelidade, embora ela fosse a sua companheira, a mulher do seu acordo matrimonial.

15 Não foi o Senhor que os fez um só? Em corpo e em espírito eles lhe pertencem. E por que um só? Porque ele desejava uma descendência consagrada. Portanto, tenham cuidado: Ninguém seja infiel à mulher da sua mocidade.

16 "Eu odeio o divórcio", diz o Senhor, o Deus de Israel, "e também odeio homem que se cobre de violência como se cobre de roupas", diz o Senhor dos Exércitos. Por isso, tenham bom senso; não sejam infiéis.

17 Vocês têm cansado o Senhor com as suas palavras. "Como o temos cansado?", vocês ainda perguntam. Quando dizem: "Todos os que fazem o mal são bons aos olhos do Senhor, e ele se agrada deles" e também quando perguntam: "Onde está o Deus da justiça?"

*Malaquias 2* começa com uma mensagem específica para os sacerdotes. Como somos informados em *IPedro 2.9* que Deus nos fez reis e sacerdotes, segue que este texto nos diz respeito. Malaquias aqui está dizendo que o fato de não ser dada a Deus a honra devida, teria como consequência uma "maldição para as bênçãos" dos sacerdotes (*Malaquias 2.2*). Essa frase curiosa pode ter significado tanto material como espiritual. Deus poderia tornar instável o seu sustento, provido pelos dízimos, como poderia, também, tirar o seu sacerdócio. Os sacerdotes são informados que a Aliança de Deus com Levi fora de vida e de paz (*Malaquias 2.5*) para ministrarem a verdadeira instrução, que faz apartar a muitos da iniquidade. Eles, ao contrário, contudo, haviam desviado a muitos do caminho (*Malaquias 2.8*), pelo que eles seriam desprezíveis e indignos diante de todo o povo.

Basta pegar os jornais, ou mesmo ouvir as acusações daqueles que rejeitam a mensagem do Evangelho (nem sempre verdadeiras), para ver o quanto o Nome de Jesus tem sido desonrado por sacerdotes que têm falhado exatamente neste ponto. De igual maneira, vemos os seus sacerdócios sendo tirados, cumprindo-se, assim, a profecia de Malaquias.

Em *Malaquias 2.10-17* o profeta volta-se para o assunto do casamento, onde junta em seu discurso 2 tópicos distintos: primeiro ele fala a respeito do casamento com "adoradoras de deuses estranhos" (*Malaquias 2.11*) e, depois, sobre o divórcio. Com relação ao 1º, ele não se dá ao trabalho de citar a lei, nem entra em detalhes explicativos,

limitando-se a dizer que se trata de "abominação para Deus e profanação do santuário do Senhor", pelo que o culto apresentado por aquele que procede dessa forma seria inaceitável, fazendo, antes, acender a ira de Deus, de modo a "...**eliminá-lo das tendas de Jacó...**" (*Malaquias 2.12*).

Esse mesmo indivíduo, ao ver rejeitada a sua oferta, se assenta na cadeira do interlocutor hipotético e, em meio a lágrimas, com choro e gemidos, diz não entender porque sua oferta fora desprezada. A resposta de Malaquias mostra que o pecado do casamento com a idólatra fora precedido da infidelidade para com a mulher de sua mocidade (na realidade **um abismo chama outro** - *Salmos 42.7*), levando ao divórcio, que Deus abomina (*Malaquias 2.16*).

Vivemos numa época em que, para vergonha nossa, o divórcio se tornou prática corrente em nossas igrejas, a ponto de ter afetado até os púlpitos. Em muitos casos este procedimento vem respaldado pela desculpa de que se trata de prática amparada pela lei e que as igrejas devem, portanto, respeitá-la. Se, por um lado, o respeito à lei é condição "necessária e suficiente" para que possamos viver "imaculados" sob a tutela das autoridades de nosso país, essa condição, por outro, é apenas "necessária" para que andemos em "santidade" diante de nosso Deus (*Romanos 13.1*). Assim é, que o mandamento de Deus - santo, justo e bom (*Romanos 7.12*), muitas vezes chama de adultério aquilo que tem respaldo legal na constituição brasileira. As leis dos homens, feitas por homens de consciências cauterizadas (*1Timóteo 4.2*), não podem ter o mesmo padrão de excelência daquele contido nos mandamentos da constituição do Reino, estabelecido à luz da santidade divina.

Deus disse, ao princípio, que o homem e a mulher deixariam pai e mãe para ser uma só carne (*Gênesis 2.24*). Ao ser questionado sobre o tema, Jesus deixou claro que o único motivo para justificar o divórcio seria a infidelidade de um dos parceiros (*Mateus 19.9*), constituindo-se em adultério qualquer outro caso. Ora, Paulo deixa muito claro que aquele que se ajunta com uma meretriz se faz "um corpo" com ela (*1Coríntios 6.16*), pelo que, pela própria indivisibilidade do número 1 no conjunto dos números inteiros, segue que não se pode constituir uma só carne com duas pessoas, motivo pelo qual Jesus apenas regulamentou, por direito, a dissolução de um casamento que já fora desfeito de fato, por não serem mais "uma só carne", facultando, assim, apenas à parte ofendida, o novo casamento, sem estar debaixo da condenação do adultério.

Obviamente o divórcio, por motivo de "incompatibilidade de gênios", com o simples fim de contrair novas núpcias (com o agravante de serem, em alguns casos, com um(a) adorador(a) de deuses estranhos), de modo algum pode receber de Deus senão o Seu repúdio (*Malaquias 2.16*).

Não como atenuante para o pecado, mas para não parecer uma limitação da Graça, deve ser enfatizado aqui que nossas igrejas têm muitos divorciados vivendo em santidade de vida, em total comunhão com Deus, porque o adultério é um pecado como qualquer outro, castigado na cruz de nosso Senhor. Assim sendo, o que foi escrito acima

deve ser encarado, não como uma condenação irreversível para os que caíram, mas como uma advertência séria para aqueles que acham que podem justificar, à luz de conceitos do mundo, atos que para Deus são pecado e, como nos diz Tiago, uma vez consumados, geram a morte (*Tiago 1.15*).

## **Malaquias 3**

### Versículos 1-18

1"Vejam, eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. E então, de repente, o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo; o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá", diz o Senhor dos Exércitos.

2Mas quem suportará o dia da sua vinda? Quem ficará em pé quando ele aparecer? Porque ele será como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro.

3Ele se assentará como um refinador e purificador de prata; purificará os levitas e os refinará como ouro e prata. Assim trarão ao Senhor ofertas com justiça.

4Então as ofertas de Judá e de Jerusalém serão agradáveis ao Senhor, como nos dias passados, como nos tempos antigos.

5"Eu virei a vocês trazendo juízo. Sem demora testemunharei contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente e contra aqueles que exploram os trabalhadores em seus salários, que oprimem os órfãos e as viúvas e privam os estrangeiros dos seus direitos e não têm respeito por mim", diz o Senhor dos Exércitos.

6"De fato, eu, o Senhor, não mudo. Por isso vocês, descendentes de Jacó, não foram destruídos.

7Desde o tempo dos seus antepassados vocês se desviaram dos meus decretos e não lhes obedeceram. Voltem para mim e eu voltarei para vocês", diz o Senhor dos Exércitos.

"Mas vocês perguntam: 'Como voltaremos?'

8"Pode um homem roubar de Deus? Contudo vocês estão me roubando. E ainda perguntam: 'Como é que te roubamos?' Nos dizimos e nas ofertas.

9Vocês estão debaixo de grande maldição porque estão me roubando; a nação toda está me roubando.

10Tragam o dízimo todo ao depósito do templo, para que haja alimento em minha casa. Ponham-me à prova", diz o Senhor dos Exércitos, "e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que nem terão onde guardá-las.

11Impedirei que pragas devorem suas colheitas, e as videiras nos campos não perderão o seu fruto", diz o Senhor dos Exércitos.

12"Então todas as nações os chamarão felizes, porque a terra de vocês será maravilhosa", diz o Senhor dos Exércitos.

13"Vocês têm dito palavras duras contra mim", diz o Senhor. "Ainda assim perguntam: 'O que temos falado contra ti?'

14"Vocês dizem: 'É inútil servir a Deus. O que ganhamos quando obedecemos aos seus preceitos e ficamos nos lamentando diante do Senhor dos Exércitos?'

15Por isso, agora consideramos felizes os arrogantes, pois tanto prosperam os que praticam o mal como escapam ilesos os que desafiam Deus!" "

16Depois, aqueles que temiam o Senhor conversaram uns com os outros, e o Senhor os ouviu com atenção. Foi escrito um livro como memorial na sua presença acerca dos que temiam o Senhor e honravam o seu nome.

17"Não dia em que eu agir", diz o Senhor dos Exércitos, "eles serão o meu tesouro pessoal. Eu terei compaixão deles como um pai tem compaixão do filho que lhe obedece.

18Então vocês verão novamente a diferença entre o justo e o ímpio, entre os que servem a Deus e os que não o servem.

*Malaquias 3* começa com um parênteses nas repreensões de Malaquias para anunciar a vinda do Messias, o Anjo da Aliança, precedida pelo envio do Mensageiro de Deus, numa clara referência a João Batista (*Malaquias 3.1*). Cabe, mais uma vez, ressaltar o fato, comum aos profetas do Velho Testamento, de não haver qualquer menção a um intervalo entre eventos profetizados, que dizem respeito à 1ª vinda do Messias (Sua vinda ao Templo, por exemplo - *Malaquias 3.1*), e aqueles que pertencem à Sua 2ª Vinda (*Malaquias 3.2-6*). Comentaristas bíblicos costumam usar de uma linguagem figurada, certamente aplicável neste caso, para dizer que a visão profética muitas vezes junta dois picos de montanhas distantes como sendo próximos, sem conseguir distinguir o vale entre elas, representativo da era da Igreja.

O texto em apreço fala que o Senhor, em Sua Vinda, purificará a uns (*Malaquias 3.2-4*) e condenará a outros (*Malaquias 3.5*) e, embora não seja citado o critério para tanto, fica implícito que este se baseia na guarda da Aliança. O parênteses é concluído com a declaração da imutabilidade de Deus como causa de não serem consumidos, fazendo coro às palavras de Jeremias (*Lamentações de Jeremias 3.22*).

Em *Malaquias 3.7-12* Deus retoma as repreensões iniciadas acima focalizando, desta feita, a questão dos dízimos e das ofertas. É significativo que esta seção seja principiada por uma exortação para que o povo que O deixara torne para Ele. É fato que o primeiro sinal de esfriamento do crente, ao se afastar de Deus, seja a sua disposição de não mais contribuir com os dízimos, atribuindo tal decisão à forma arbitrária como estão sendo empregados por aqueles responsáveis por fazê-lo.

O interlocutor hipotético reage não apenas à afirmação de que ele se afastara de Deus, mas principalmente ao fato de que ele O estaria lesando, pelo que Deus trata de ser bem específico, dizendo que ele O lesara ao deixar de contribuir com os dízimos e as ofertas. Os filhos de Israel eram obrigados, por lei, a contribuir com 2 dízimos anuais: um para o sustento dos levitas (*Levítico 27.30* e *Números 18.21*) e outro, que deveria ser levado a Jerusalém por ocasião da Festa da Colheita (*Deuteronômio 14.22-28*). As ofertas aqui não eram apenas oferendas voluntárias, mas, também, aquelas previstas em lei, quais sejam, por exemplo, as que são descritas em *Êxodo 29* e que dizem respeito à expiação do pecado. Raciocinando, contudo, ao longo desta linha, poder-se-ia chegar à conclusão de que as ofertas, nos moldes neo-testamentários, não são exigidas. Ocorre, contudo, que a Palavra nos diz que devemos amar ao Senhor de todo o nosso coração (*Deuteronômio 6.5*) e honrá-LO com os nossos bens (*Provérbios 3.9*). Obviamente não é possível conceber alguém que ama e, ao mesmo tempo, retém para si o seu tesouro.

Claro está que tal pessoa não terá colocado a Deus em 1º lugar na sua vida. Ao restabelecer as suas prioridades estará usurpando o lugar de Deus e, portanto, roubando algo que Lhe pertence. As ofertas voluntárias servem, portanto, de termômetro do nosso amor a Deus e o fato de retê-las é um claro indicativo de que Deus foi lesado em Sua primazia nas nossas vidas. Que estejamos atentos à nossa "temperatura"!

Não haverá lugar aqui para a secular discussão sobre a obrigatoriedade do dízimo no Novo Testamento. Ambos os lados têm bons argumentos e base bíblica, sem que haja consenso. Seguindo ao longo de outra linha, contudo, vale a pena lembrar que fomos comprados pelo precioso sangue de Jesus Cristo (*IPedro 1.18-19*), de modo que já não somos mais nossos. Se Deus de fato nos adquiriu, segue que terá comprado, juntamente, tudo o que nos pertence. Discutir, então, se devemos ou não contribuir com 10% é totalmente inócuo se, na verdade, Ele é dono de tudo, podendo dispor do todo como bem Lhe aprouver. Dízimo é um hábito salutar e um bom início para um recém-convertido, que ainda não conhece os princípios da matemática divina (*Lucas 6.38*), mas deve ser encarado como um "mínimo" da expressão do nosso amor ao Pai.

*Malaquias 3:10-11* traz um apelo de Deus para que a situação seja regularizada, mas juntamente Ele faz uma promessa de derramamento de bênçãos para aqueles que O atenderem. Ele nos informa que é função dEle repreender o "devorador" (literalmente, os predadores que comiam a colheita, mas, espiritualmente, os seguidores de Satanás, que estão sempre prontos a roubar as nossas bênçãos).

Cabe, porém, uma advertência com relação aos "pregadores da prosperidade", que se têm tornado bastante numerosos em nossos dias. Não está implícito aqui que Deus tornará ricos todos os que se dispuserem a dar, mas pessoas inescrupulosas têm usado deste tipo de argumento para atrair seguidores e auferir lucros. Livros com títulos até engraçados como: "Aprenda a Contribuir e Ganhe 4 Milhões de Dólares antes dos 30" têm sido vendidos aos milhares para pessoas ingênuas, que acham que Deus pode ser comprado. Se zelarmos pelos negócios do Reino, certamente Deus há de cuidar dos nossos, mas qualquer coisa além disso pode vir a se tornar uma extrapolação perigosa.

De certa maneira é exatamente isso que está sendo dito em *Malaquias 3.13-18*. Está implícito que o povo havia falado contra Deus, alegando que não valera a pena servi-IO porque outros que não O haviam servido eram mais abençoados. A resposta de Deus deixa claro que esta situação é provisória e que dias virão em que se verá a diferença entre servir a Ele ou ao mundo (*Malaquias 3.18*).

## **Malaquias 4**

Versículos 1-6

**1**"Pois certamente vem o dia, ardente como uma fornalha. Todos os arrogantes e todos os malfeitores serão como palha, e aquele dia, que está chegando, ateará fogo neles", diz o Senhor dos Exércitos. "Não sobrá raiz ou galho algum.

**2**Mas, para vocês que reverenciam o meu nome, o sol da justiça se levantará trazendo cura em suas asas. E vocês sairão e saltarão como bezerras soltas do curral.

**3**Depois esmagarão os ímpios, que serão como pó sob as solas dos seus pés, no dia em que eu agir", diz o Senhor dos Exércitos.

**4**"Lembrem-se da Lei do meu servo Moisés, dos decretos e das ordenanças que lhe dei em Horebe para todo o povo de Israel.

**5**"Vejam, eu enviarei a vocês o profeta Elias antes do grande e temível dia do Senhor.

**6**Ele fará com que os corações dos pais se voltem para seus filhos, e os corações dos filhos para seus pais; do contrário, eu virei e castigarei a terra com maldição."

*Malaquias 4* é, na realidade uma continuação de *Malaquias 3:18b*. Principia descrevendo o sofrimento dos condenados e a vitória dos que perseveraram na guarda da lei de Moisés (*Malaquias 4.1-4*).

*Malaquias 4.5* fala, mais uma vez, do retorno de Elias, que sabemos tratar-se de João Batista, devido às explicações de Jesus (ver *Mateus 11.14, 17.10-13, Marcos 9.11-13, Lucas 1.17 e João 1.21*).

O livro de Malaquias é encerrado com uma afirmação de que o Senhor converteria o coração dos pais aos filhos e vice-versa, para evitar que a terra fosse ferida com maldição. Certamente em nossos dias, quando assistimos à desagregação da família e ao descambar da moral na sociedade, podemos ter certeza de que nossa sorte não seria melhor que a de Sodoma e Gomorra, não fossem as famílias cristãs que povoam a terra. Que a certeza de nossa participação na preservação dos ímpios seja, também, motivo de despertamento, para que levemos a mensagem do Senhor àqueles que não O conhecem!